

# POR UMA HISTORIOGRAFIA DO PUNK

IVONE GALLO\*

---

## RESUMO

No momento em que as abordagens historiográficas têm investido no tratamento de problemáticas mais contemporâneas nos pareceu importante buscar elementos para um balanço, ainda que não definitivo, a respeito do punk. Este artigo então, analisa o punk nas interpretações a ele dadas na bibliografia, pois compreendemos que um estudo desta natureza é essencial para a formação de um debate historiográfico sobre o assunto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Punk; bibliografia; historiografia contemporânea.

## ABSTRACT

*At the very moment historiographic approaches are turning to more contemporary issues it seems important to try establishing a review, even if provisional, of the studies on punk. This article intends to view the punk phenomenon through the interpretations of bibliographical production, since a study of this type is essential to begin a historiographical debate on this subject.*

**KEYWORDS:** Punk; bibliography; contemporary historiography.

---

## **Algumas considerações iniciais**

Antes de entrarmos no assunto a que se destina este artigo achamos conveniente uma exposição sucinta sobre o aparecimento do punk para levar o leitor a compreender os aspectos mais característicos deste fenômeno, bem como o contexto de seu surgimento e a sua trajetória e assim justificarmos a importância destas manifestações não só para as sociedades contemporâneas, mas para as abordagens acadêmicas.

Nos anos 70 do século passado emergiu o punk como um acontecimento social que abalou a sociedade e a cultura num panorama de mudanças estruturais profundas em curso na América do Norte e na Inglaterra. Na verdade, já na década anterior, quando os hippies dominavam o espaço urbano com sua contestação da cultura e da política vigente, os prenúncios do que viria a acontecer nas décadas seguintes já era lançado.

Na década de 60 as críticas ao sistema capitalista assumiam, cada vez mais, um tom severo, na medida em que uma classe média crescente e intelectualizada passava a exigir um status recusado pela crise do sistema que se anunciava, depois de um período de aparente prosperidade material. Os jovens de classe média que acreditaram numa possibilidade de ascensão social a partir da obtenção do diploma universitário logo se deram conta da impossibilidade de tal conquista. A consciência acerca dos problemas políticos e econômicos contemporâneos proporcionou a estes jovens os instrumentos necessários a uma contestação das pilastras de sustentação do capitalismo, a começar pela recusa aos valores burgueses da família, da disciplina do trabalho e da moral sexual e daí teriam passado à reivindicação do direito à liberdade e do direito a fazer as próprias escolhas de vida. É claro que toda insatisfação e rebeldia não resultavam exclusivamente dos impactos provocados por questões estruturais tampouco ressoavam a partir apenas da juventude intelectualizada. Os operários e suas organizações, militantes de diferentes matizes, participaram ativamente de todo processo engrossando o movimento, inclusive em 1968, quando desempenharam um papel de peso nas manifestações de rua, em Paris.

Muito da crítica à sociedade industrial da época traria como novidade as reflexões do célebre filósofo da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse, que influenciou toda uma geração de universitários com a análise aguda que fazia da sociedade do consumo, introduzindo nas suas observações pertinentes a dimensão, tão desprezada até então, pela intelectualidade, da sensualidade do humano, agora desvirtuada e abatida, segundo o filósofo, pela unidimensionalidade forjada pela sociedade industrial, em suma, a morte do sujeito provocada pelo próprio homem.<sup>1</sup> De fato, em 1968, os universitários franceses que participaram das barricadas, entre eles a própria liderança na voz de Cohn-Bendit, recusavam, logo depois, qualquer filiação à filosofia de Marcuse, apontando como leitura corrente algo muito diverso, Althusser.<sup>2</sup> Atualmente relegadas a um segundo plano, as críticas elaboradas pelo filósofo, entretanto, ainda são capazes de explicar os aspectos fundamentais da sujeição dos homens a um sistema de dominação que age em todos os níveis da vida, isto é, da produção material da existência até a manipulação psicológica dos desejos e das necessidades como estratégia de exercício continuado do poder. De fato, o que Marcuse afirmava como partindo do Estado, hoje apenas ampliou o seu grau de influência para os relacionamentos interpessoais no ambiente de trabalho, escolar ou nos próprios lares o que nos faz pensar no estabelecimento hoje de uma cultura que protege, por falta de ações concretas em contrário, o abuso do poder. Mas, a maior contribuição do seu pensamento para a época veio no sentido de um despertar dos indivíduos nos anos 60, para o seu papel de sujeitos quando demonstram capacidade em ultrapassar a alienação pelo processo de reconhecimento do “eu” como diferença e como atividade, paixão e desejo, face ao desafio da indiferença e da apatia reinantes no mundo uniformizado do consumo e dos comportamentos disciplinados. Mas, indo além de uma crítica da cultura capitalista, da moral e dos paradigmas do conhecimento, 1968 reservava mais algumas surpresas em diferentes continentes.<sup>3</sup> A crítica ao reformismo dos PC’s apareceu inclusive como um dos grandes motivos a dar sustentação política e filosófica aos movimentos de 68 na França.<sup>4</sup> De qualquer modo, a centralidade explicativa de 1968 na França talvez tenha

resultado na visão um tanto aumentada do potencial revolucionário dos movimentos de jovens, algo posteriormente muito explorado pela sociologia. Não que a juventude seja incapacitada para o desempenho de um papel de transformação, muito ao contrário, mas os fenômenos desenhados em 68 não podem ser admitidos como centralizados naqueles estudantes, nem vistos como exclusivamente levados por eles.

A juventude dos anos 60 e das décadas posteriores, via nos movimentos pela liberdade sexual um ato de libelo contra os próprios movimentos conservadores, pois romper com as formas de família tradicionais significava, em última instância, um rompimento com o sistema capitalista que encontra na organização familiar a base para a reprodução da propriedade privada, como bem analisava de forma crítica, ainda no século XIX, Friedrich Engels. O movimento hippie dos anos 70 aprofundou uma crítica no sentido da contra cultura clamando pela paz e pelo amor, enquanto o Estado operava como máquina de guerra e, caminhando muito além disso, cobrava da humanidade o restabelecimento dos laços entre homem e natureza, inexistentes nas sociedades modernas. Nesse sentido inclusive, esses movimentos podem ser considerados como um primeiro passo na direção de uma posterior consciência ecológica, embrionária na época e hoje tão difundida. Para os hippies, um reencontro com a natureza podia significar um momento necessário de introspecção em que fosse concedido a todos os seres humanos um tempo para a reflexão capaz de re-significar sentidos da existência, mais calçada na espiritualidade do que no mundo puramente material, buscando as qualidades do humano nos mitos e nos sonhos, mais do que na lógica formal exigida pelo capitalismo. Este tipo de atitude de transcendência conviveu com uma forma de atuação política vinculada às correntes de esquerda, formalizadas ou não em partidos e associações as mais diversas e que informavam igualmente a participação política.

Neste quadro de contestações não se localizam apenas os jovens intelectuais, muito menos apenas os europeus. Em meio às turbulências do período, os jovens da periferia assumiam também atitudes contestatórias,

inclusive no que tange à política como forma de alcançar uma vida melhor. Nascido em meados dos anos 70, o punk nas origens apareceu de forma muito diferente das manifestações anteriores de outros grupos. Os principais adeptos eram os jovens filhos de operários das periferias de Londres e de algumas cidades da América do Norte que sob os governos Thatcher e Reagan viram suas expectativas de vida frustradas. O punk, ao invés de apresentar-se como continuidade com um suposto movimento de jovens anterior, se reporta a ele essencialmente como ruptura, mesmo reconhecendo tributo a certas matrizes consolidadas na geração anterior, em música, em literatura e comportamento. Descrente dos valores do amor e da amizade e da esperança, dos quais se tornaram incrédulos pela própria força avassaladora do capitalismo na sua versão moderna neo-conservadora, assumiam em revanche, uma atitude violenta e irreverente. Em busca de uma autonomia frente à civilização, recusaram-se à adesão aos canais propostos de participação política, afastando-se igualmente dos partidos de esquerda, por quem eram criticados, e assumindo uma independência nas várias instâncias da vida, expressa no lema que o caracteriza *Do It Yourself*. A convivência com as comunidades hippies logo tornou-se insuportável, pois nelas cultivava-se um modo de vida compartilhado que para muitos punks se convertia num terrível aprisionamento. Desde a divisão incondicional de todos os bens até o *décor* orientalista dos ambientes tudo lhes parecia artificial e distante da realidade. Para os punks que tiveram a oportunidade de viver perto dos hippies, naquelas comunidades, debaixo do discurso de liberdade que faziam questão de enunciar a todo instante, havia, na verdade, uma grande hipocrisia, pois enquanto os homens usufruíam de plena liberdade, suas mulheres passavam os dias a esfregar o chão, a servi-los e a realizar as tarefas que as mantinham presas à comunidade. Os maus tratos às mulheres, ainda, e as traições de seus companheiros que também não admitiam que elas se entregassem a outros parceiros, esta contradição entre discurso e prática foi a gota d'água para um rompimento. A discordância vinha também das formas e expressões culturais (a conversa intelectualizada parecia irritante, a adesão aos transcendentalismos e religiões orientais uma

bobagem, o rock maçante, melodia complicada, músicas muito extensas).<sup>5</sup> Ao contrário do que faziam os hippies o lema adotado pelo punk foi o “faça você mesmo, pois ninguém fará nada por você”. O tom apocalíptico da fala punk, que a princípio não comportava aspirações políticas formais e institucionais, ao menos não aquelas já conhecidas, denunciava, entretanto, a podridão da sociedade, na medida em que nela a vida se desenha como aceitação da miséria e da opressão. O fundamento desta recusa deve-se, então, à constatação de que as promessas sobre um reino do bem estar social no futuro, jamais se realizarão numa sociedade de consumo e de prazeres edênicos, na verdade desfrutados por poucos. A estética punk que privilegia o sujo, o escuro, a violência, visa representar o produto mais puro da civilização moderna enquanto dejetos. O mundo em que vivemos, então, é experimentado como distopia. Não há felicidade, nem futuro, e ao contrário do que cultivavam os hippies na sua esperança pela harmonia vindoura, o punk adere à revolta, ao desespero e à tristeza profunda como marcas distintivas. Neste sentido, reporta-se ao hippie como o protótipo do alienado, o que mergulhou na lógica do sistema acreditando combatê-lo e que produz uma linguagem (música) dependente de um aparato tecnológico sofisticado, incapaz, portanto, de rompimento com o sistema. De acordo com as conclusões de Antonio Bivar, estudioso do punk e escritor provocativo, o punk, vê o hippie apenas como um sujeito que mantém uma cabeleira suja, infestada de piolhos e perfumada com muito pachouli.

Uma atitude punk, irreverente, logo se tornou caricatural e, com a emergência de novos grupos *no wave*, converteu-se também em objeto de consumo da indústria cultural de massa, revertendo todas as expectativas iniciais que o movimento havia tecido sobre si mesmo enquanto rebeldia incorruptível. Este momento foi registrado pelo documentário dirigido pelo diretor Scott Crary, “Kill Your Idols” EUA, 2003, que elegeu como marco destas transformações dramáticas no punk o ano de 1972, com o surgimento da banda Suicide, em Nova York. A partir disto, os novos grupos teriam abandonado os princípios fundamentais das origens do punk como uma ideologia, um espírito de rebelião, para fazer do punk um gênero, uma moda.

Uma preocupação detida no visual, a produção de uma música palatável, a presença certa nas badaladas festas de celebridades, se converteram em atitudes corriqueiras que nada apresentavam em comum com o espírito de ruptura anunciados pelos grupos dos primeiros tempos. Nos anos 90 grupos punk adotaram o anarquismo, nas suas várias vertentes como ideologia que norteia suas intervenções sociais. Aqui podemos levantar indagações sobre o grau de adesão ou de conhecimento adquirido sobre a doutrina anarquista, enfim, sobre se existiria por parte dos punks uma preocupação com uma real investigação de cunho filosófico e histórico a respeito do anarquismo, ou se, ao contrário, a concepção de anarquismo para o punk aparece particularizada numa interpretação mais livre ou mesclada a aspectos da cultura do grupo.

No Brasil, o punk surgiu por volta de 1977 na cidade de São Paulo e adjacências e logo depois tomou vulto também no Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Recife, Rio Grande do Sul, Paraná. A disseminação do punk para diversos países pronunciou-se de uma forma mais importante a partir dos anos de 1980 coincidindo exatamente com o momento da auto reflexão a respeito dos parâmetros que norteariam o punk e a sua crítica social desgastada pela mídia e pela moda. Em cada contexto histórico e cultural do seu surgimento e trajetória o punk nunca se deu como imitação das matrizes originárias e procurou responder também a inquirições e necessidades específicas. No Brasil as correntes mais críticas chocaram-se de frente com a ditadura o que lhes valeu perseguições policiais e censura a interromper um fluxo natural de suas produções, além, é claro, da criminalização pela imprensa e pela mídia.

A tarefa de analisarmos criticamente o punk aparece como um desafio para as ciências humanas a começar pela semântica imprecisa da palavra punk, cujas origens e desenvolvimento parecem nos escapar como os próprios sujeitos que a adotaram.<sup>6</sup> Porém a nossa tentativa não será mais ambiciosa aqui do que a de reconstruir brevemente os caminhos do punk apontando para uma discussão bibliográfica, na busca por uma sistematização da produção existente sobre o assunto no Brasil e com isto fomentar um debate historiográfico que permita extrapolar uma perspectiva

sociológica (o problema da juventude) ou antropológica (cultura urbana, choque cultural) ou anti-humanista e alienada (filosofia) para explorar, em colaboração com o todo das ciências humanas, uma história dos sujeitos e das ações ao redor do punk. Um dos aspectos de maior interesse para o historiador na vinculação com o terreno da história e que tem sido buscado por jovens pesquisadores de outras áreas também, seria a vinculação mais recente do movimento com o anarquismo. Sobre isto, os historiadores têm buscado as resignificações desta matriz do pensamento social dentro do punk e se perguntam sobre a possibilidade da inclusão do anarco-punk, numa história do anarquismo no Brasil. Mas há outras questões de interesse a serem tratadas também do momento em que as pesquisas tomem vulto.

### **Alguns apontamentos**

O nosso interesse no punk resulta do fato de termos nos dedicado ao acompanhamento de uma ocupação urbana em que grupos de anacopunks tiveram uma participação importante. Sobre estes acontecimentos apresentei comunicações em congressos e escrevi dois artigos<sup>7</sup> que buscam registrar de forma crítica esta experiência: o primeiro, abordando as polêmicas em torno do Patrimônio Histórico, uma vez que a ocupação se deu no prédio da Estação Mogiana em Campinas, de onde os ocupantes foram expulsos; o segundo indagava sobre as questões teórico-metodológicas próprias do ofício do historiador para assuntos contemporâneos. Mas, atualmente o fenômeno punk tem aparecido em estudos de natureza variada e em quantidade e qualidade suficientes o que justifica a iniciativa em buscarmos uma análise preliminar e, confessadamente muito incompleta, da bibliografia conhecida em língua portuguesa. O fato de nos debruçarmos aqui apenas sobre a literatura publicada, não quer dizer que as investigações sobre o punk restrinjam-se a elas. Na última década têm surgido várias dissertações de mestrado e teses de doutoramento, em diferentes universidades de diversas regiões do país, preocupadas com diferentes questões dentro desta problemática. Entretanto, nestes mais de 30 anos de existência do punk

persiste, ainda, infelizmente, uma lacuna acerca tanto de uma história como de uma historiografia do fenômeno embora em âmbito acadêmico encontremos estudos na área da antropologia e da sociologia que se converteram em clássicos e trabalhos de qualidade incontestável por nós analisados aqui.<sup>8</sup>

Antes de mais nada, é preciso ressaltar que muito da produção acadêmica sobre o assunto, aparece associada a uma abordagem sociológica que privilegia a categoria *movimentos de jovens* ou mesmo *juventude* como fator de explicação para o mundo contemporâneo do pós guerra na Europa e nos Estados Unidos, mesmo quando criticam os modelos. Os jovens seriam responsáveis, por uma conduta irreverente, uma crítica ao mundo burguês que se delineava, sobretudo, a partir dos anos de 1950. De fato, o critério da faixa etária encontra limites como fator explicativo quando assistimos, por exemplo, as recentes manifestações passadas nos subúrbios de Paris a nos alertarem sobre se permanecem válidas as hipóteses acerca de um potencial de revolta encabeçado exclusivamente pela categoria social dos jovens, e, além disto, jovens de classe média. Mas, mesmo maio de 68 na França, que contou com uma forte participação de jovens, não pode ser identificado apenas como movimento que partiu exclusivamente deles ou como o momento a partir do qual os critérios dos movimentos de jovens possam ser estabelecidos, ou ainda, como um detonador. Estes questionamentos nos levam a indagações sobre a composição, a gênese e os usos que fazemos do conceito de juventude enquanto fator explicativo dos movimentos sociais, bem como à validade do conceito gestado pela sociologia clássica e que vem sendo revisitado atualmente.<sup>9</sup>

Apesar destas constatações, não se abandona com facilidade a categoria jovem do jogo de inclusão/exclusão social e do trabalho, por exemplo. Isto também tem sido investigado por especialistas da área. Por outro lado, nos parece que a opção por explorar os sentidos dos movimentos sociais de jovens, muitas vezes gera a ilusão de uma continuidade entre as várias manifestações de grupos, inclusive desconsiderando-se as eventuais diferenças entre eles, e também numa linha temporal que evolui dos anos 50

até hoje. Um histórico a respeito de conceitos consolidados, como de acontecimentos relacionados aos jovens, contribui para uma visão diferente, mais adaptada às metamorfoses do sistema capitalista e às dinâmicas sociais vinculadas aos contextos e suas especificidades, aspectos globais, regionais e transnacionais destas experiências.<sup>10</sup> Além disto, categorias fundamentais como classe, gênero, etnia, cultura, são retomados como instrumentos eficientes para a análise das questões sociais e históricas, na medida em que tinham sido relegadas a segundo plano na valorização do conceito de *juventude, estilo jovem, etc.*

Em praticamente toda bibliografia sobre o punk publicada no Brasil, aborda-se a ruptura do punk com a geração anterior, ou com certos modelos filosóficos e culturais impregnados nos hippies, porém se considerarmos depoimentos de militantes punks da primeira geração colhidos por McNail e McCain,<sup>11</sup> chegaremos também às influências da cultura e de gerações anteriores nas expressões punks. A primeira vista então, temos a constatação óbvia: qualquer contestação vem da negação de algo existente o que impede uma visão de ruptura total com os parâmetros imediatamente postos. Mas não é apenas isto, na incorporação do niilismo como o emblema por natureza do punk existe uma dívida imensa com Nietzsche e Schopenhauer lidos ou apenas comentados e compreendidos de forma mais subjetiva e sem compromisso, no universo underground. De Elvis Presley e de James Dean parecem apreciar o estilo, a irreverência e a inclinação para a insubmissão. Em literatura contemporânea os punks encontraram inspiração nos *beats* William Burroughs em *Almoço nu*, Allen Ginsberg em *Uivo* e Jack Kerouac, *Pé na estrada*. Havia também, sobretudo da parte de Patty Smith, que para alguns não pode ser classificada como punk, mas apenas como poetisa, artista e roqueira, um encantamento por Rimbaud que beirava a obcecação e que contagiou a muitos naquelas leituras públicas encenadas na St. Marc Church. Em termos musicais apreciavam, entre outros, a banda The Who e ritmos negros e latinos.<sup>12</sup> Com tudo isto fica difícil a afirmação de uma rejeição total e incondicional da cultura, mesmo porque os próprios punks parecem não admitir isto de uma forma genérica. Como garotos

pobres, inclusive, achavam ganhar dinheiro algo muito bom, apesar de o gastarem e ganharem dentro de um espírito totalmente diverso da lógica do capitalismo: recusaram a exploração do trabalho e investiam o ganho no divertimento. Eis aqui algo não totalmente esclarecido na bibliografia que versa sobre o assunto: as matrizes filosóficas de inspiração e, em segundo lugar, o grau e a profundidade dos comportamentos radicais contra o sistema, no caso, parece abolida a noção burguesa da necessidade do acúmulo do dinheiro para fazer capital, embora a circulação do dinheiro continue.

Apesar de ver-se sempre associado à música, o punk utiliza-se como meio de expressão das mais variadas formas de arte, no intuito provocativo, dentro de um espírito de confronto com a moral, e pela exploração de temas polêmicos trazidos à superfície através de performances transgressivas. Para a sociedade inglesa conservadora a atitude punk e suas manifestações artísticas, como a exposição “Prostitution” de 1976, levada adiante pelo grupo de arte COUM Transmissions, gerou discussão no Parlamento. Uma maior abertura da sociedade no que tange à recepção da linguagem punk talvez possa ser admitida pela iniciativa feita recentemente pelo Barbican Center, em Londres, que acolheu uma exposição de 150 obras de artistas punks, entre fotografias, pinturas, vídeos, nascidos nas décadas de 70 e 80, em Londres e Nova York. Essa reviravolta na cultura, no seu modo de ser, fazer e apresentar-se publicamente, estabeleceu uma tensão entre a novidade e as formas de se fazer política tradicionalmente aceitas.

As premissas que reconhecem a produção do punk enquanto arte e a vinculam às manifestações de cunho político e a uma eficiência neste sentido, são negadas por Dick Hebdige<sup>13</sup> para quem as produções punks são apenas expressões da subcultura de grupos subalternos incapazes de fazerem valer os seus propósitos, se é que chegam a propor algo. O tema vem sendo tratado na bibliografia<sup>14</sup> e oscila entre o tema sociológico/antropológico da formação de grupos por identidades estabelecidas a partir de uma linguagem musical e visual ou a própria ausência de política, normalmente acusação que parte da esquerda. Um aprofundamento maior desta questão é urgente,

pois mesmo no momento em que os punks tornaram-se descrentes da revolução salvadora da humanidade, nunca deixaram de ser políticos, mesmo considerando-se nisto as primeiras gerações, até porque com suas ações chocantes provocavam, no mínimo, um debate político. Uma das intervenções mais famosas dos punks ingleses, por exemplo, ocorreu durante a comemoração do jubileu da rainha Elizabeth que completava 25 anos de reinado. O governo então havia programado festas públicas para distrair o povo das questões econômicas. Para as celebrações os Sex Pistols criaram a música “No Future” cujos versos resgatam indubitavelmente, o mais puro estilo irônico das classes trabalhadoras inglesas:

God save the Queen-And the fascist regime/It made you a moron-A potential H bomb/God save the Queen-She's not a human being/There is no future-In England's dream/(...) /God save the Queen-Tourists are Money/Our figure head-Is not what she seems/God save history-Save the mad parade/Lord have mercy-All crimes are paid//When there's no future how can there be sin?/We are the flowers in the dustbin/We are the poison in the machine/We are the romance behind the screen//God save the Queen-We mean it man/We love our queen-God save.<sup>15</sup>

Mas para iniciarmos os nossos comentários bibliográficos gostaríamos de nos reportar a uma produção bastante polêmica e que pretendeu representar uma história oral do punk. Terrível também para o leitor comum porque uma parte dos entrevistados foi morrendo até a publicação do material, vitimada pelo vício em heroína ou por distintas formas de violência. Trata-se do surgimento nos anos 80, dos clamores de Legs McNeil e Gillian McCain a anunciarem como um slogan “O *punk* não está morto” num livro de título sugestivo “Mate-me por Favor: A História sem Censura do Punk”, como a requerer o fim de tudo para um novo começo desligado de condicionamentos anteriores. A partir de entrevistas com os diferentes sujeitos que participaram do cenário do rock&roll, sexo e drogas, desde fotógrafos, jornalistas, as estrelas e seus companheiros, os organizadores procuraram levantar as diferentes versões para um momento em que, como afirmam na sua apresentação, “a última era em que tantas pessoas se divertiram tanto matando a si mesmas”.<sup>16</sup> Ambos, na época, produziram

fanzines, mas Gillian McCain foi coordenadora de programação do Poetry Project na St. Mark's Church e autora de livros de poesia em prosa. Legs McNeil foi editor das revistas *Nerve* e *Spin* além de ser visto como aquele que cunhou o nome de “punk” ao movimento, em 1975, quando atribuiu o mesmo nome a uma revista de música e cultura pop dos anos 70. Esta opinião, entretanto, é confrontada pelo jornalista Nick Kent que acompanhou o punk desde o início tornando-se um membro dos Sex Pistols. Segundo suas lembranças, o escritor David Marsh cunhou o termo punk rock no final de 1971, mas foi o seu companheiro da revista de rock Lester Bangs que realmente assumiu o termo e criou toda uma estética para ele. Para Bangs o punk teria começado em 1963 quando o quarteto de Seattle, The Kingsmen atingiu o primeiro lugar na parada de sucesso estadual com a música “Louie Louie”. De acordo ainda com Kent, foi de extrema importância a migração, em 1972, para Londres, das bandas MC5 e Iggy&Stooges para o surgimento de uma verdadeira essência punk na cultura jovem britânica pós hippie.<sup>17</sup> Independentemente de qual seja a versão mais próxima à realidade, uma questão que é tangenciada, porém não resolvida, é justamente o fato de a palavra não ter sido adotada pelos grupos que no momento cunhavam a própria cultura. Ela foi atribuída e posteriormente incorporada. Tanto que os ícones máximos do punk Iggy Popp e John Lydon chegaram a perguntar: “que raio é isto?” O caso de Lydon tornou-se ainda mais inquietante quando rompeu com o Sex Pistols, criando o Public Image Ltd. (PIL), banda símbolo do pós punk (positive punk), munida de um espírito crítico com relação ao mercado.<sup>18</sup> Por outro lado, a palavra punk, utilizada para caracterizar, definir o fenômeno também parece inadequada para atingir a este objetivo na medida em que existe uma infinidade de expressões diferentes entre si e que acabaram postas como punks dificultando inclusive, a tentativa de circunscrever o punk como um movimento. Ao mesmo tempo, com o avançar da década, os vários grupos foram reconhecidos socialmente como punks, no pior sentido atribuído à palavra (encrenca, violência, escória) e se reconheceram enquanto tal por pura ironia. Então, estes dilemas me parecem importantes, pois apontam para a necessidade de análises que privilegiem a

pluralidade e a singularidade dos fenômenos agregados simplesmente em conceitos congelados: punk e movimento punk. E, por outro lado, com a criminalização do punk pela imprensa na época da ditadura militar, o nome punk pode ter servido para estabelecer uma identidade de grupos num momento em que se viam extremamente fragilizados.

Entre McNail e McCain, Essinger e Harry<sup>19</sup> outras questões igualmente instigantes aparecem quando se trata de abordar as origens do punk, o seu território. Essinger e McNail e McCain<sup>20</sup> não duvidam de que a América do Norte convertera-se no berço do punk, visão que se tornou polêmica uma vez que o Malcom MacLaren, ativista cultural radicado em Londres, reivindica o papel de mentor do punk como atitude, estética e expressão musical com a formação da banda ícone do punk, Sex Pistols. Mas desde 73 os integrantes da banda, Cook, Jones e Nighthingale, já ensaiavam juntos numa banda chamada The Strand. Em meio a toda esta polêmica Harry<sup>8</sup> parece defender uma opinião mais prudente quando reconhece o surgimento simultaneamente na América do Norte e na Inglaterra como um processo de transformação mais geral que influenciou toda uma geração da época. Além disto, em MacNail e McCain e Essinger, encontramos elementos suficientemente fortes para acreditarmos numa influência recíproca entre norte americanos e ingleses, uma vez que os contatos de participantes da cena aconteceram e com eles as trocas. Isto não quer dizer que não fossem preservadas as particularidades de cada contexto. O punk londrino, desde o início emergiu com um discurso mais facilmente identificado como político, enquanto o norte americano estava mais focado no visual e na música, que entretanto hoje compreendemos não apenas como expressão artística, cultural, mas política. Um expoente da cena novaiorquina era o baixista do grupo Television, Richard Hell, um dos primeiros a adotarem o visual de cabelos espetados, roupas sujas e rasgadas. Adepto das drogas pesadas e do divertimento acima de qualquer coisa, chocou até os seus próprios pares ao vestir uma camiseta com a estampa de um alvo com a inscrição “Mate-me, por favor”, frase esta que posteriormente serviu de título ao livro de McNail e McCain. Depois de passar por outras

bandas, participa do Voidoids, lançando em 77 o disco Blank Generation. O conceito de geração vazia acabou definindo a cena novaiorquina de jovens alienados, entregues às drogas e com nenhum desejo de continuar vivendo. Nihilismo e alienação que passou ao inglês Sid Vicious, este aliás, conseguiu, como pretendia em declarações a vários amigos, não viver além dos 30 anos de idade. Desfrutar de uma vida intensa e curta, eis a maior ambição daqueles jovens: a própria negação do espírito de juventude, a morte da alegria burguesa. Como isto poderia não ser político? É também muito mais perigoso, pois a vida é posta a prêmio de antemão numa performance. Aqui vemos a necessidade de revisão de um problema de cunho filosófico, isto é, do papel e da circunstância do anti-humanismo punk.

Deriva da questão anunciada acima um outra, sobre as origens do punk, que a bibliografia parece ressaltar apenas a rivalidade existente entre grupos, bandas, empresários e jornalistas quando uma abordagem mais interessante sobre uma internacionalização do movimento aguarda por uma investigação.

Se por um lado o livro de McNail e McCain representa um material valioso para a imersão na experiência daquelas gerações, por outro, não constitui um material produzido com a intenção de uso acadêmico, mas apenas como uma necessidade de legar, de alguma forma, uma vivência que permaneceu ocultada ou subjugada pelo preconceito ou pelo simples fato de se passar à margem do sistema. Há limites que impedem um pleno uso para a pesquisa, isto é, não havia a noção, que hoje existe, da necessidade do respeito aos critérios de produção em história oral. Os depoimentos foram recolhidos em lugares e datas desconhecidos dos leitores, bem como as perguntas feitas não foram publicadas. As condições em que se encontrava o entrevistado e a relação da sua resposta com um acontecimento específico, ou o tipo de envolvimento que teve com ele são ignorados na maior parte dos casos. Sem dúvida nenhuma, o farto material apresentado possui um valor inestimável para a história e para os historiadores, na medida em que não se buscou poupar ninguém, ao contrário, somos imersos num universo de uma geração que se atirou de braços abertos e olhos fechados no lado

selvagem da vida, sem pré julgamentos e sem medo. Difícil não se chocar com o desapego à vida que cultivaram e com as cenas da degradação de meninas e meninos narrados ali com naturalidade e raramente com espanto. Alcança assim, um dos principais objetivos que é atingir a moral burguesa sem nos poupar, ao contrário, tornando-nos responsáveis. Também o mérito do livro está em apontar claramente o aspecto classista tanto do punk quanto do hippie que parece oculto nas abordagens sobre o assunto de tal forma que a experiência dos sujeitos está associada à suas experiências de classe, seja o proletariado, lumpemproletariado ou a classe média. Mas, apesar das qualidades do livro que ressaltai, parece ser nítida a intenção dos organizadores em tomar os depoimentos como testemunhos que, muitas vezes chocam-se entre si o que é proposital (há versões diferentes sobre um mesmo fato), como se fosse possível estabelecermos alguma verdade definitiva sobre o assunto, apenas porque as testemunhas são os protagonistas. Os organizadores como não são historiadores não podem ser cobrados por isto, nem pela preferência por uma organização temática dos depoimentos que muitas vezes relaciona depoimentos tomados em situações supostamente desconexas. Há, em suma, uma organização das falas que pode não corresponder aos anseios dos entrevistados.

Um último ponto sobre o livro é o índice onomástico que traz dois problemas: fornece a data de morte de alguns entrevistados, mas não a data de nascimento, nem mesmo os locais de nascimento e morte, uma vez que para o tema isto parece importante, bem como não indica as páginas em que os seus depoimentos aparecem no livro, o que prejudica o acesso às informações. As falhas de tradução são frequentemente apontadas pelos leitores da edição em português, porém a editora L&PM reeditou o material em 2004 com a mesma tradutora mudando apenas o formato, agora em dois volumes, para edição de bolso. Uma nova edição incorporando as mudanças necessárias seria de grande utilidade, pois o livro é considerado como o documento insubstituível do punk, na sua primeira geração.

No Brasil, o primeiro estudo que se debruçou sobre o punk foi o de Antonio Bivar,<sup>20</sup> escritor e jornalista que partiu, na década de 70, de uma

aproximação com os grupos punk de São Paulo, reunidos na região central da cidade. Isto tornou-se importante na investigação da disseminação desses grupos para fora da Europa e da América do Norte retirando o debate de uma centralidade nos continentes originários. Como ativista declarado e literato, o autor publicou pela editora Brasiliense, na coleção Primeiros Passos o livro *O que é punk?*, obra em que opera uma genealogia do movimento, vislumbrando a sua emergência enquanto uma sobreposição radicalizada ao rock. Há cerca de duas décadas atrás, este livro procurava esclarecer aspectos importantes do movimento e de sua emergência no Brasil, depois de ter rumado para a Inglaterra durante a ditadura e lá ter tomado contato com a inovação. Desta vivência resulta o fato de ter atribuído no livro o nascimento do punk em Londres. Hoje, passadas três décadas de existência do punk, Antônio Bivar atualiza, nas suas produções recentes, o enfoque sobre o assunto. Segundo o autor, um olhar retrospectivo permite que se interprete a história do punk em três fases distintas. Inicialmente, o período que vai de 1976 a 1977, quando a decadência do rock suscitou uma reação de forte impacto na época, pois a linguagem que antes se impunha como de resistência parecia desgastada. Uma segunda fase foi marcada pelos anos 1981-1982 com o “Punk’s not dead”, considerado como um verdadeiro levante que reconduziu o movimento, em nível planetário, para o proletariado e para uma forte crítica ao sistema capitalista. Neste momento houve a projeção de grupos do Brasil, mais especificamente de São Paulo, ao cenário punk internacional. Um terceiro momento nasce do rescaldo da atitude política e crítica dos anos 80 e que representa o momento atual do punk. A partir dos anos 90, assistimos a uma multiplicação do punk em Hardcores, Straight Edges (vegetarianos radicais), Anarco punks, Cyberpunks, Old School, New School, enfim, grupos e ramificações facilitadas a partir dos progressos da internet e da eleição da língua inglesa como padrão universal de comunicação.

Para Antonio Bivar, o punk extrapola uma mera atitude rebelde para firmar-se enquanto uma cultura. Como disseminador de uma crítica radical, o punk nunca morre, o fato é que está aí por mais de trinta anos,

transformado, aderido ao contexto histórico e, por isto mesmo vivo. Para o autor ainda, as referências originais do punk no Brasil, encontram-se em São Paulo, não no interior, nem em outras capitais, muito embora considere relevante a produção do movimento fora do contexto paulistano. Definindo o punk como um estilo que ultrapassa a mera moda, percebe no movimento uma resposta do subúrbio contra o sistema excludente. Enquanto na moda o indivíduo perde a sua identidade, porque absorve de fora, das revistas, uma identidade programada; no estilo, ao contrário, o indivíduo torna-se um sujeito, com poder de decisão e com ideias próprias. No caso do punk o estilo converte-se no reflexo de uma cultura de resistência.

Os estudos de Bivar foram seguidos dos de Pedroso e Souza<sup>21</sup> que discordam da interpretação de Bivar sobre a localização do punk na região central da cidade de São Paulo. Pedroso e Souza, na verdade realizaram um trabalho de Iniciação Científica, publicado em 1983. O trabalho surgiu nos anos 80 quando não havia outras produções em que se apoiar e adquirir importância pelo fato de tratar de uma caracterização mais abrangente do punk e apontar para o seu surgimento simultâneo no ABC paulista. Este foi o primeiro estudo a levar em consideração a manifestação plural do punk no Brasil, cindido entre os punks do ABC, que reivindicavam a manutenção de posturas supostamente originárias do punk, como a formação de gangues e a violência e, do outro lado, os punks da city que buscava a formalização num movimento e no ideário anarquista.

Em contraste com a produção paulistana sobre o assunto, temos o importante trabalho de Janice Caiafa,<sup>22</sup> que aborda uma experiência punk no Rio de Janeiro na década de 80, mais precisamente na Cinelândia onde toma contato com um grupo que mantinha encontros no lugar. A autora é antropóloga, preocupada com a cultura urbana contemporânea e com as formas de comunicação engendradas neste contexto específico. A sua análise do punk é de cunho etnográfico e parte de uma postura crítica com relação ao conceito de subcultura, válido para os estudos em Sociologia empreendidos pela Escola de Chicago nas análises que produziu sobre os jovens nos anos 20 e 30. Para Janice Caiafa, o comportamento e a estética

punk não produzem apenas a transgressão do tipo criminoso fora de lei, mas uma cultura que objetiva uma interferência positiva no social. Enquanto os estudos anteriores buscavam uma perspectiva analítica que situasse a delinquência juvenil num quadro de expectativas não realizadas pela sociedade, daí a criminalidade, Janice Caiafa procura uma leitura do punk a partir das próprias referências do movimento. Esta opção analítica garantiu à autora a possibilidade de vislumbrar na cultura punk a capacidade para uma intervenção crítica na realidade. A partir da convivência com um grupo de punks observou de que maneira se dava a presença deles no conjunto da sociedade e da cidade, em contraposição às teses que segregavam socialmente e espacialmente grupos sociais como gangues confinadas nas periferias. Inicialmente, a autora admite como chave para interpretar o punk o próprio visual propositalmente trabalhado para gerar uma confusão tal que impeça a sua rotulação, avaliação e classificação. Esta estratégia é utilizada como forma de fugir a massificação, incorporação e destruição pelos aparatos do sistema. O efeito esperado destas ações apenas torna-se impactante porque é a formação do bando emergindo no cenário público com um visual carregado para garantir com isto o impacto almejado. A análise de Caiafa, preocupada em desvendar a simbologia do movimento, seus emblemas, sua transitoriedade etc., representou uma enorme contribuição para uma reavaliação social e para as ciências humanas dos sentidos da juventude e da necessidade da consideração da historicidade do conceito e da proposta contracultural que apresentam. Tudo isto exigiu uma mudança no olhar dirigido a estes grupos, pois ou figuravam na mídia como gangues de criminosos, bandos violentos, induzindo assim o preconceito social ou estavam expostos numa comparação com a geração anterior e tomados como alienados, despolitizados.

A obra de Helena Wendel Abramo,<sup>23</sup> representa no campo da sociologia um outro estudo de peso sobre o assunto. A autora, que é uma das maiores autoridades em matéria de juventude, analisa o assunto dentro de uma conjuntura de crise iniciada nos anos 80, palco para o surgimento de segmentos dos movimentos de jovens como os darks e os punks aos quais se

dedica na pesquisa. Neste trabalho a autora também rompeu, como Caiafa já havia feito, com uma concepção congelada do conceito de juventude e trabalhou com a fragmentação destes grupos de jovens, suas culturas, como o resultado da própria fragmentação do espaço e dos papéis dos sujeitos na modernidade, tese depois retomada por Turra Neto por um outro viés, que comentamos mais adiante. A autora ressalta a importância da estética punk, como também já apontava Caiafa, mas retoma o problema agora de outra maneira. A espetacularização da decadência e da tristeza representam uma forma de denúncia da exclusão, da desigualdade social, da violência. A aparição de grupos punks no cenário urbano em dissonância com a estética das cidades visa, para a autora, provocar o choque pelo exibicionismo exagerado e não pela mera encenação da autocomiseração. O culto à tristeza esse nihilismo como manifestação de uma vontade de nada fazer, uma desesperança, aparecem em Abramo também como uma estratégia para fugir da captura da linguagem punk pelo universo massificado da moda. Por outro lado, a autora nota a experimentação do mundo pelo punk como distopia o que favorece a leitura de uma separação entre os movimentos de jovens dos anos 80, com relação às gerações anteriores, na medida em que, na década de setenta acreditava-se na realização de um mundo melhor. Esta visão trágica que inibe uma crença num futuro melhor, como a geração anterior imaginava que fosse possível, não representa no punk uma alienação, como lembra Abramo “é esta ordem que os lança nessa condição e é por isso que eles querem “destruí-la”.<sup>24</sup> Neste resgate que opera da imagem dos jovens no mundo contemporâneo utiliza como apoio o conceito de sub-cultura jovem, não mais como uma categoria construída ideologicamente, mas como afirmação cultural que garante a sustentação de espaços de negociação e de conquista pela hegemonia no jogo entre as classes dominantes e subordinadas. As teses de Abramo apoiam-se na escola sociológica de Birmingham especialmente em Dick Hebdige,<sup>25</sup> com quem inclusive a autora discute, mas hoje falar-se em subcultura implica, de toda maneira numa polêmica.<sup>26</sup>

Depois destes estudos podemos então hoje reconhecer por “tribos urbanas”, na verdade, núcleos produtores de uma cultura que, no caso dos punks não parece completamente rompida ou descolada da geração dos beatnicks e que, além disto precisa ser analisada na sua dinâmica com os outros grupos, com o espaço e com o tempo.

Marcia Regina Costa<sup>27</sup> enveredou por um tema espinhoso e desconfortável para a militância e para os analistas que é o da relação de amor e ódio entre os punks e os carecas. Buscando inspiração em Guatarri, Morin, Baudrillard e Girardet, inquieta-se com a questão das identidades nas sociedades contemporâneas cosmopolitas e desterritorializadas que são gestadas a partir da cultura de massa. Vistas por este ângulo, as atitudes dos jovens apresentam resultados paradoxais e fragmentados. Na interpretação de Costa os carecas saíram de uma vertente do punk e adotaram um ideário nacionalista, moralista e conservador que inclusive espelha certos ideais da própria cultura operária de onde vieram. Se o livro não nos ajuda muito a trabalhar a fronteira entre punks e carecas, que me parecem muito mais demarcadas do que permeáveis,<sup>28</sup> por outro lado contribui para agregarmos mais um senão na caracterização do punk. De fato, não se pode desdenhar de que em momentos ou que alguns participantes punks optassem por uma inclinação a posturas reconhecidamente direitistas. O próprio vocalista do Sex Pistols antes de assumir uma postura anárquica foi hooligan. As teorias ao redor da pós modernidade, não são suficientes, a meu ver, para interpretar esses fenômenos, pois partindo do pressuposto de que verdades são relativas e de que os indivíduos são resultado de uma bricolagem acabam estabelecendo associações muito arbitrárias para fenômenos, em realidade, mais complexos. O nacionalismo dos carecas pode não ser aquele defendido pelos skinheads, ou o que Costa chama de conservadorismo do proletariado pode ser uma moral em defesa contra uma superexploração, portanto, uma forma de resistência e não de colaboração com o sistema.<sup>29</sup> As teses da cooptação do punk com base em Baudrillard, Morin e outros ganharam espaço entre os anos 80 e 90, porém o momento de sua difusão coincidiu com o momento em que as próprias gerações punks operavam a autocrítica.

Os punks dos anos 90 e 2000, por sua vez, têm reconsiderado o uso do sistema como forma de combatê-lo. Exemplos disto estão no rackerismo, no cyberpunk, na desatenção no trabalho e até na utilização do voto.<sup>30</sup>

O trabalho de Rafael Lopes de Souza<sup>31</sup> trata do punk pelo viés da História Social. Na tentativa de caracterização do objeto, o autor calça as suas hipóteses acerca do punk na interpretação de autores consagrados que se reportam ao problema da juventude. Nos estudos de Herbert Marcuse difundidos nos anos 60, e versando a respeito da era urbano-industrial, Rafael Lopes percebe um marco que rompe com uma literatura que depositava apenas na classe média intelectualizada um potencial revolucionário. Marcuse, ao contrário, trouxe à cena a contestação dos parias sociais, desempregados e não empregáveis, disputando participação no processo decisório. Um contraponto para as expectativas de Marcuse encontra-se nas análises de Mannheim, no clássico “O problema da juventude na sociedade moderna” onde este autor defende que as transformações biológicas provocadas na adolescência, bem como a passagem de uma vida familiar para a social, isto é, a saída do ambiente privado para o público, provoca comportamentos antagônicos na juventude. Se, num primeiro momento os jovens, no embalo da independência e da novidade, adotam uma postura crítica com relação à sociedade, logo em seguida, isto é, quando ingressam na fase da vida adulta, premidos pelos compromissos, são cooptados pelo sistema e abandonam seus ideais revolucionários.

Rafael Lopes<sup>32</sup> debruça-se na verdade, sobre a geração punk mergulhada nas mudanças operadas nos grupos a partir dos anos 80 e que provocava já a cisão entre os punks de São Paulo e os do ABC, analisadas também por Essinger,<sup>33</sup> e que resultarão na fragmentação do movimento e no surgimento de opções ideológicas à direita e à esquerda. O estudo de Lopes vai tratar da opção pelo anarquismo feita pelo grupo com o qual conviveu durante o período de sua pesquisa, mas esta opção ideológica ficou sem um aprofundamento no estudo, algo que as pesquisas mais recentes têm buscado resolver. De toda maneira, o autor identifica uma limitação forte no

movimento punk, um paradoxo, na medida em que, para preservar-se enquanto cultura subversiva fecha-se sobre si mesmo e quando o faz restringe o próprio alcance que sua crítica e sua rebeldia poderiam atingir. Apesar disto, reconhece no radicalismo punk uma iniciativa, desconhecida nos outros movimentos, no sentido de uma quebra com o monopólio da palavra. Essinger parece compartilhar de uma visão aproximada quando admite a existência de uma contradição intrínseca ao punk, pois na sua recusa do sistema acaba minando as possibilidades de comunicação e de alcance da sua crítica social. Em ambos os casos, há uma coincidência com teses clássicas da interpretação do protesto social como ineficaz para impulsionar reais transformações na sociedade.<sup>34</sup> As matrizes sociológicas e antropológicas, por seu turno, ao definirem a cultura punk como cultura urbana apontam, por um lado, a necessidade de eliminar-se a dicotomia entre centro e periferia, mas não necessariamente resolve a oposição clássica campo/cidade. Neste sentido estamos mais avançados em prática do que em teoria, na medida em que hoje há uma horizontalidade dos movimentos sociais e o punk participa de ações levadas pelo MST, por exemplo.

Um outro estudo que merece maior atenção é o de Craig O'Hara<sup>35</sup> ativista norte americano do punk desde 1982, cuja obra foi traduzida em várias línguas e é adotada como bibliografia em cursos acadêmicos em universidades norte americanas. O autor, a partir do seu engajamento no movimento punk procura por uma caracterização das novas tendências, incluindo nisto a emergência da perspectiva de gênero no bojo de uma militância, se é que podemos identificar assim, punk. O mérito maior do trabalho está em reconhecer a necessidade de envolvimento com a descoberta da experiência dos grupos para atingir-se o significado ampliado do punk, uma vez que essa chave não é dada apenas pela música. Para o caso de uma escrita da história militante, Hobsbawm considera as vantagens de uma historiografia desta natureza, pois permite levantar temas e problemas que de outra maneira se tornariam invisíveis. Na história da classe operária, por exemplo, a história desta historiografia demonstra a capacidade de crescimento e autocrítica no seu fazer-se.<sup>36</sup> Isto explica porque em Craig

O'Hara são dotados de sentido e historicidade uma vivência punk, uma conduta de vida, valores capazes de definir o essencial do punk na sua diversidade. Dentre as preocupações do autor está o problema da violência no punk, tema sempre muito candente, pois aparece maximizado na mídia e gera, segundo os militantes, uma visão distorcida do punk. Na visão de O'Hara somos capazes de diferenciar, por exemplo, a violência no punk daquela dos carecas e dos nacionalistas de ultra direita.

Um estudo ainda que merece consideração de nossa parte, é o de Nécio Turra Neto,<sup>37</sup> nos domínios da geografia que rompe com uma visão de território estática para aderir a uma concepção de território como espaço apropriado e como produção a partir das relações entre atores sociais. A cidade de Londrina, que é o foco do livro, passa a ser lida então como espaço de conflito, poder e negociação, onde acontecem as interações e rupturas entre os vários grupos underground contemporâneos quando se encontram, demarcando, pelo diálogo ou pela violência, os territórios de exercício e encenação de suas respectivas culturas. A sua interpretação está escorada nas propostas metodológicas de Geertz e Claval que percebem a cultura na sua dimensão simbólica, mas também como construção dinâmica e permanente e não como algo dado e assimilado incondicionalmente. Esta opção teórica permite a recusa de uma interpretação da cultura como poder para a necessidade de análise da cultura como contexto, portanto, Turra Neto abandona uma busca por um “significado do comportamento do/as punks” que poderia estar supostamente imerso no seu próprio universo cultural e caminha na direção da descoberta do conjunto de referenciais presentes na formação de uma identidade múltipla do punk. De fato, o estudo do autor responde diretamente a algumas indagações que levantei no início deste artigo porque estabelece relações entre os diferentes grupos de jovens no espaço da cidade agora visto como lugar de tensão. O aspecto regional destas experiências revela a necessidade de um rompimento com a visão de uma suposta hegemonia das cenas das grandes capitais do Brasil e do exterior, sobre outros lugares.

Finalmente, Nécio Turra Neto retoma o tema da juventude que é obrigatório. Depois de referir-se ao modo como o conceito vem sendo construído desde a sociologia clássica até os estudos mais contemporâneos, o autor opta pela aceitação da utilidade da categoria de juventude desde que analisado historicamente. Isto quer dizer, em suma, que vê como problemáticas as generalizações em torno de uma ideia de “geração”, pois ela oculta diferentes manifestações juvenis dentro de uma mesma geração.

Sylvio Essinger<sup>38</sup> vai um pouco além. No seu estudo aborda desde o surgimento do punk até a sua penetração no Brasil adotando o método estrutural ao inserir o punk num panorama mundial de mudanças. Para a investigação no país buscou fugir da abordagem com foco em São Paulo e resgatou a originalidade do desabrochar do punk no Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Recife e Porto Alegre, sendo este o principal mérito da obra. Em suma, o livro nos apresenta uma narrativa organizada dos fatos principais ao redor do surgimento e da consolidação do punk em cada região, o que já é muito importante como base para futuros estudiosos, porém as informações ricas que disponibiliza não chegam a ser elaboradas como mereciam. A visão do punk neste estudo está restrita à linguagem musical, isto é, o punk passa a ser, na verdade, as bandas punks, porém, como não chega a operar uma análise de fato da música a sua narrativa aparece como uma sucessão de bandas que vêm e vão no período de 1977 até os anos 90 quando o livro foi finalizado. Preocupado em investigar nos moldes do jornalismo as últimas gerações do punk com o hardcore, o autor depois de traçar o panorama deste surgimento passa a prognosticar sobre o que será do punk nos anos 2000, imaginando que o som então virá do aparato tecnológico e os materiais de divulgação e comunicação serão difundidos através da internet. Importantes revelações são feitas por Essinger, como, por exemplo, sobre a matriz do anarquismo que alcançou repercussão no punk em São Paulo, através de Caio Túlio Costa, cujo livro *O que é anarquismo?* tornara-se um verdadeiro best-seller. Entretanto, a adesão inicial dos punks ao anarquismo não foi levada adiante, segundo o autor, em virtude de uma preferência pela militância junto ao Partido dos Trabalhadores. Na comparação dos rumos do

punk entre São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, o autor percebe ainda, uma distinção de classe, sendo o grupo de Brasília formado, sobretudo, pela classe média e por filhos de diplomatas enquanto que em São Paulo e Rio de Janeiro predominavam, desde as origens, os filhos de operários que habitavam as periferias destes grandes centros urbanos. No livro há menção a desentendimentos dentro do próprio grupo provocados por dissidência ideológica ou de classe, bem como confrontos com outros grupos cuja base é a etnia. Essinger ainda operou uma reconstrução da cena punk no Brasil com a análise de revistas e outros materiais onde é possível acessar informação sobre o assunto, mas a bibliografia específica e de inspiração teórico-metodológico apresenta lacunas.

No momento em que nos preparávamos para a conclusão deste artigo eis que surge mais uma tradução sobre o punk, no final de 2009, pela editora Ideal. Trata-se da coletânea de entrevistas do Punk Planet organizada por Daniel Sinker, que também é o responsável pela maior parte das entrevistas realizadas entre 1997 e 2007 e que foram publicadas uma primeira vez como coletânea em 2001 pela Akashic Books. Sinker é professor assistente da Columbia College Chicago que na época de estudante fazia bico como manobrista de carros. Aos 19 anos de idade, resolveu fazer o Punk Planet inspirado no modelo do Do It Yourself, fanzine que saiu por um período de 13 anos antes de extinguir-se em 2007 e que no seu ápice chegou a rodar 20 mil cópias. As entrevistas que selecionou apresentam questões interessantes em diferentes sentidos. Inicialmente porque trazem personagens atuantes nos primórdios do punk, porém entrevistados bem mais tarde de tal forma que nas suas trajetórias refletem sobre como se reciclaram e por que. Casos como o de Ian MacKaye, do Fugazi, tornaram-se emblemáticos, pois ao aderir ao straightedge ao invés de um afastamento com o princípio do Do It Yourself o radicalizou. Para ele é essencial manter um afastamento com a transformação da sua vida e da sua música como um negócio então, são os elementos da banda que fazem a agenda, cuidam da contabilidade, dos contatos e das suas próprias vidas pessoais, sem empregados e sem empresários. Não pretendem ficar ricos, mas gostam de trabalhar com

música, ao mesmo tempo se dão o direito de escolher quando e para quem se apresentar de tal forma que o trabalho não pareça dissociado das próprias opções de vida. Neste sentido, o *Do It Yourself* vai além do impulso de resgate da autonomia de fazer coisas e escolhas por si próprio, isto é, representa algo mais profundo, uma independência conquistada em virtude de não se dever nada a ninguém.

Outras surpresas nos são reveladas por Sinker na entrevista com Kathleen Hanna do Bikini Kill quando nos deparamos com o relato da discriminação feminina no universo de bandas majoritariamente masculinas. Com certa magoa ela relata como as garotas da banda eram agredidas nas suas apresentações pela plateia, maltratadas por pessoas do meio e espremidas pela concorrência, experiência traumática que a fez desistir do grupo e partir para outras experiências. Também chama atenção a entrevista com ativistas a começar por Han Shan diretor do programa da Ruckus Society, responsável pelo treinamento de candidatas a participação em ação direta não violenta. Da entrevista com “Fat” Mike Burkett, da banda NOFX, nos aproximamos de um momento bem político do punk quando organizam o Punkvoter, em 2004, como campanha para angariar fundos com o Rock Against Bush. O objetivo era o de educar, registrar e mobilizar eleitores progressistas e impedir a eleição de Bush, mas apesar de tanta labuta não foi possível alcançar a plenitude da proposta inicial. Ele tenta compreender as bases do conservadorismo norte americano e a partir disto interpretar a derrota, porém numa explosão de ironia revela:

os maiores partidários de Bush eram homens brancos com mais de 65 anos e eles estão morrendo e nós não....Vamos continuar lutando contra eles, mas também vamos continuar fazendo festas e nos divertindo. É por isto que eles estão tão putos conosco mesmo, porque estamos nos divertindo mais do que eles![risos].<sup>39</sup>

Outra figura interessante que emerge das páginas do livro é Noam Chomsky. Apesar da crítica de André Barcinski para a Folha de São Paulo apontar certas lacunas, como ausências de mais notas explicativas e melhor contextualização das entrevistas, pessoalmente acho que comparativamente ao *Mate-me, por favor* a obra de Daniel Sinker está muito melhor

organizada, contendo um texto introdutório sobre o entrevistado e as perguntas dirigidas a ele.

### **Algumas conclusões**

Através da leitura crítica e da interpretação de alguns autores que tornaram-se referência para a discussão a respeito do punk, podemos concluir que trata-se de um campo ainda em gestação no Brasil, nas ciências humanas e sobretudo na área de história. Ao mesmo tempo em que constato a necessidade de produzir algo além do que já foi enunciado nos vários estudos imagino as possibilidades dentro dos campos de reflexão historiográfica perante as análises de cunho antropológico e sociológico que predominam. Sem dúvida que a utilização dos aspectos teóricos metodológicos próprios ao ofício do historiador devam trazer novidades neste campo.

Eu me refiro, por exemplo, a entrada neste debate para explorar estudos de caso a trazer desafios para o historiador voltado para o mundo contemporâneo. O historiador social também vislumbraria novos horizontes ao incluir o tema pelo viés da classe e da transnacionalidade dos movimentos sociais. O uso das fontes primárias permite vislumbrar o objeto para além da representação focada no conceito de juventude enquanto uma categoria social ao redor da qual são tecidas representações simbólicas ou fabricação de significados. Tomando as pesquisas sociológicas, o que sobressai é a abordagem da juventude como um todo, mas agora precisamos de estudos que nos esclareçam sobre os sujeitos e suas ações em caráter plural e na particularidade de cada situação. Vejo que pelo uso da categoria *juventude* a análise do objeto permanece circunscrita as relações de jovens entre si, bem como se voltam para o foco das identidades como problema antropológico. A meu ver tudo isto impediu que se notasse a presença dos punks no Brasil na sua atuação contra a ditadura e na relação com as demais forças oponentes ao regime. O problema da identidade focado na música, no visual, etc, despolitiza o punk se enxergamos estas expressões desvinculadas das

ações sociais que promovem e de um modo de vida que acompanha a estética.

A supervalorização do contexto de caráter econômico sem os nexos necessários com o social e com a cultura acarretou uma incapacidade para uma visão mais histórica e antropológica o que por sua vez resultou na explicação da juventude como transgressão, delinquência ou desviante. Quando não, o punk nada mais seria do que uma resposta à crise, perdendo-se nisto toda sua dimensão viva e criativa. Dentro de tais parâmetros nos parece muito difícil avançar. O direcionamento do nosso problema para um contexto e uma cronologia definidos abre os horizontes para novas conceituações que ultrapassem as definições para o tema da juventude ancoradas meramente nas explicações de cunho fisiológico, psicologizante ou mesmo ideológico, no sentido negativo do termo. Na verdade, é preciso reconhecer os limites impostos pelos dois critérios principais sobre os quais repousam as conceituações sociológicas, pois, apesar de relevantes, não são suficientes para abarcar o todo do problema. Eu me refiro especialmente aos critérios levantados a partir de considerações a respeito da faixa etária e do ambiente sócio-cultural. Na impossibilidade de uma definição precisa pelo critério etário, caímos no extremo oposto, isto é, a relativização absoluta, com base na explicação étnica, da nacionalidade ou do gênero. A constatação ainda, de que há punks com mais de trinta anos de idade, remanescentes da primeira geração que permanecem convictos, compromete mais uma vez o critério etário. Por outro lado, consideramos que certas generalizações feitas a partir de uma conceituação estabelecida levando-se em conta um critério restrito de classe também apresentam limitações consideráveis para a busca de respostas acerca dos movimentos sociais.

Vejo os jovens hoje como sobreviventes, mas não de aventuras tresloucadas que inventaram para chamarem a atenção sobre si, ou porque recusaram o seu passado e aderiram ao que criticavam. Ao contrário, eu os vejo como aqueles que mesmo vencidos, não importa se pela morte ou na vida que cumprem, lutaram com os meios de que dispunham. Isso é o que precisa chegar a nós: quem foram e são, o que fizeram e fazem, como

sentiam e sentem o peso deste sistema, como lidaram com tudo isto. Em termos de uma produção historiográfica vemos, nestes mais de trinta anos de punk iniciativas que facilitam o acesso ao tema, como a produção de documentários, publicações de depoimentos orais e arquivos que começam a receber documentos da militância punk. Tudo isto contribui, sem dúvida, para a importante tarefa de preservação da memória do punk, mas agora precisamos de uma história e de uma historiografia.<sup>40</sup>

## NOTAS

\* Docente da faculdade de História da PUC-Campinas; pós-doutorado em teoria Literária/IEL-Unicamp. Rua João Batista Grigol, 391. Chacaras Belvedere-Campinas (SP). Cep: 13085-335. (019) 3287 4510. E-mail: ivonegallo@superig.com.br

<sup>1</sup> MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

<sup>2</sup> FERRY, Luc. *Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo*. São Paulo: Ensaio, 1988.

<sup>3</sup> GROppo Luís Antonio. *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis de 1968*, Piracicaba: Editora da UNIMEP, 2005. RIBEIRO DO VALLE, Maria. *1968: o diálogo é a violência-movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2008.

<sup>4</sup> HOBSBAWM, E. *Revolucionários*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

<sup>5</sup> McNEILL, L., McGAIN, G. *Mate-me, por favor: uma história sem censura do punk*, Porto Alegre: L&PM, 1997.

<sup>6</sup> COELHO, Luís Antonio. “Origem e evolução semântica da palavra punk” in *Recanto das Letras*, 03/12/2009. Acesso [HTTP://recantodasletras.uol.com.br/ensaios/1957686](http://recantodasletras.uol.com.br/ensaios/1957686).

<sup>7</sup> GALLO, Ivone. “O Patrimônio em questão: a ocupação da Estação Guanabara” In *Notícia bibliográfica e Histórica*, nº 199, out/dez. 2005.

\_\_\_\_\_ “Contra informação e cultura política”. In *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*, São Leopoldo (RS): ANPUH, 2007, CD ROOM.

\_\_\_\_\_ “Punk: Cultura e Arte” *Varia História*, Belo Horizonte: UFMG/Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, vol. 24, nº 40, jul/dez 2008

<sup>8</sup> Cf. JELIN, E. e PINO, P.. *Luchas sociales, comunidades e identidades*, Madrid: Siglo XXI, 2003 (Memorias de la repression, 6)

- <sup>9</sup> McNail e McCain , *op.cit.*
- <sup>10</sup> McNAIL e McCAIN, *op. cit.*; ESSINGER, *op. cit.* 1999.
- <sup>11</sup> HEBDIGE, Dick. *Subculture, the meaning of style*, Londres: Mathew&Co Ltda, 1979.
- <sup>12</sup> ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano*, São Paulo: Escrita, 1994. KEMP, *op. cit.* 1993, CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- <sup>13</sup> Deus salve a Rainha-E o regime fascista/Ele o tornou um imbecil-Bomba H em potencial/Deus salve a Rainha-Ela não é um ser humano/E não há futuro-Nos sonhos da Inglaterra//(...)//Deus salve a Rainha-turistas são dinheiro/Nossa figura principal-não é o que parece ser/Deus salve a História-salve a parada louca/O Senhor tenha piedade-todos os crimes são pagos//Quando não há futuro, como pode haver pecado?/Nós somos as flores na lata de lixo/Nós somos o veneno na máquina/Nós somos o romance atrás da tela//Deus salve a Rainha-é sério, cara!/Nós amamos nossa Rainha-Deus salve. ESSINGER, 1999, *op. cit.* p. 47
- <sup>14</sup> McNEIL e McCAIN, *op. cit.*
- <sup>15</sup> HARRY, *op. cit.* 2006, p.14.
- <sup>16</sup> ESSINGER, *op. cit.* 1999, p. 58-9.
- <sup>17</sup> McNail e McCain, *op. cit.* (1997), Essinger, *op. cit.* (1999) e Harry, *op. cit.* (2006).
- <sup>18</sup> Essinger *op. cit.* (1999) e McNail e McCain *op. cit.* (1997).
- <sup>19</sup> Harry *op. cit.* (2006).
- <sup>20</sup> BIVAR, Antonio. *O que é punk*, São Paulo: Brasiliense, 1982.
- <sup>21</sup> PEDROSO, Helenrose da S. e SOUZA, Heder Cláudio Augusto de “Absurdo da Realidade: o movimento punk”, in *Cadernos Ifich-Unicamp*, 1983.
- <sup>22</sup> Janice Caiafa, *op. cit.* (1985).
- <sup>23</sup> Helena Wendel Abramo, *op. cit.* 1994.
- <sup>24</sup> (ABRAMO, 1994, p. 101-2)
- <sup>25</sup> HEBDIGE, Dick *Hiding in the light*, London: Routledge, 1988.
- <sup>26</sup> CLARKE, J., CRITCHER, C., JOHNSON, R. *Working class culture. Studies in history and theory*, reimpr., Londres/Melbourne/Sydney/Auckland/Johannesburgo: Hutchinson, 1987. GINZBURG, C. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*, São Paulo: Companhia da Letras, 1986. THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 3 vols. (Col. Oficinas da história) LAING, Dave. *One chord Wonders: Power and meaning in punk rock*, Open University Press, 1985.
- <sup>27</sup> COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio: os caminhos de um nomadismo moderno*, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- <sup>28</sup> ESSINGER, *op. cit.* 1999 e O’HARA, Craig. *A filosofia do punk: mais do que barulho*, São Paulo: Radical Livros, 2005.
- <sup>29</sup> THOMPSON, *op. cit.* 1987.

- <sup>30</sup> GALLO, 2007, *op. cit.*; SINKER, *op. cit.* 2009.
- <sup>31</sup> SOUSA, Rafael Lopes de. *Punk: cultura e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva*, São Paulo, 1983/1996, São Paulo: Edições Pulsar, 2002.
- <sup>32</sup> *Idem, ibidem.*
- <sup>33</sup> Essinger, *op. cit.* 1999.
- <sup>34</sup> HOBBSAWM, E. e RUDÉ, George. *Capitão Swing*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- <sup>35</sup> Craig O'Hara, *op. cit.* 2005.
- <sup>36</sup> HOBBSAWM, E. "História operária e ideologia" In *Mundos do trabalho; novos estudos sobre história operária*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- <sup>37</sup> TURRA NETO, Nécio. *Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina*, São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- <sup>38</sup> Sylvio Essinger, *op. cit.* 1999, p. 116.
- <sup>39</sup> *Idem*, p. 234-5.
- <sup>40</sup> Para mais informações, consulte a bibliografia complementar:  
ALVAREZ, Sonia, AGNINO, Evelina, ESCOBAR, Arturo (orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.  
BOURDIEU, P. "De quoi parle-t-on quand on parle du problème de la jeunesse?" In, *Les jeunes et les autres*, Vancresson: CRIV, 1986  
BRITO, Sulamita de (org). *Sociologia da Juventude*, Rio de Janeiro: Zahar, 1969, 4 volumes.  
GOLDTHORPE, Jeff. "Intoxicated Culture: Punk Symbolism and Punk Protest" in *Socialist Review*, vol. 22 (2), Apr/jun, 1992 pp 35-64.  
GROPPO Luís Antonio. *Juventude. Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*, Rio de Janeiro: DIFEL (Col. Enfoques Sociologia), 2000.  
HALL, Stuart and TONY, Jefferson (orgs.) *Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain*, Londres: University of Birmingham Utchinson and Co, 1976.  
MANNHEIM, K. "O problema sociológico das gerações" in FORACHI, M. *Mannheim*, São Paulo: Ática, 1982  
MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, Rio de Janeiro: Zahar, 1972.  
TRASHER, Frederic Milton. "The gang: a study for 1,313 gangs in Chicago" in E. Burgess and D. Bogue (orgs.) *Contributions to Urban Sociology*, Chicago/London: The University of Chicago Press, 1964.